

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO





Por telefone, de Porto Alegre, a irmã Isolda informa a Eugênio, no interior, que uma paciente, a dra. Olívia, deseja vê-lo, pois sabe que vai morrer. Perturbado e constrangido, ele inventa uma desculpa para a esposa, Eunice, e enfrenta a viagem de automóvel, de três horas.

Durante o trajeto, Eugênio recorda sua origem e o casamento fracassado. Filho de um humilde alfaiate, com muito esforço conseguiu se formar em medicina, apesar de sofrer com o desprezo dos colegas por seu ar matuto. Na faculdade conheceu Olívia, mulher forte e serena. Logo se envolveram numa amizade carregada de desejo e amor. Mas, no afã de subir na vida, Eugênio casa-se com Eunice, filha de um industrial de laticínios da alta sociedade gaúcha, e se afasta de Olívia.

Em meio a essas paixões, o país se redesenha: eclode a Revolução de 1930, Getúlio Vargas ascende à Presidência da República, a burguesia ávida de poder domina a paisagem política, econômica, social e cultural. Na Europa avançam os regimes nazista e fascista, e, na União Soviética, o comunista. As convulsões também ressoam na Porto Alegre provinciana.

A nova vida de Eugênio não demora a revelar sua inconsistência, e ele passa a ter uma relação extraconjugal com Isabel. Alguns anos depois, reencontra Olívia, que declara ter uma filha dele, Anamaria. Chocado, o ainda jovem médico decide rever sua existência. Mas sobrevém a doença de Olívia. A viagem de automóvel chega ao fim, e com ela a primeira parte do romance: a dra. Olívia morre sem rever o amado.

A segunda parte é menos dramática, embora permeada pela gravidez de Dora, filha de Isabel, e por sua morte depois de um aborto provocado. Eugênio rompe com Eunice, com a amante, com a família. Assume a filha Anamaria e se entrega à reconstrução de sua vida, contando com a ajuda do dr. Seixas, que o acolhe e orienta, e com cartas de Olívia (nunca enviadas), em que ela lhe confessa seu amor eterno e propõe um humanismo cristão como alternativa aos impasses do mundo moderno.

Eugênio abre um consultório num bairro pobre, e passa a acompanhar a sobrevivência dramática, trágica e épica dos despossuídos. Mas, graças ao legado espiritual de Olívia, à presença do dr. Seixas e da filha Anamaria, ele recobra forças para descortinar um novo destino.

As tentações de um jovem nos anos 1930

Maria da Glória Bordini



Ao representar o Brasil da década de 1930, diante de opções como o nazismo, o fascismo e o comunismo, Erico destaca as escolhas éticas de um jovem pobre disposto a tudo para subir na vida.

Não é à toa que *Olhai os lírios do campo* (1938), o quarto romance de Erico Veríssimo, tornou-se a obra mais lida de todas as que ele escreveu. Foi a única da literatura brasileira a ultrapassar 1 milhão de exemplares vendidos, sem contar com campanhas de marketing ou de incentivo à leitura, nem com um autor de presença constante na mídia. Fez sucesso também em outros países, entre os quais a Argentina (onde foi o primeiro romance brasileiro a ser adaptado para o cinema), a Alemanha, os Estados Unidos, o Japão e a Indonésia. O percurso dessa história — uma história de queda e redenção — no gosto popular indicia que é justamente sua carga de esperança nos seres humanos que a mantém, ainda hoje, após quase sete décadas, à frente dos textos mais bem recebidos de Erico.

O MOMENTO DE ERICO

O romance foi escrito num momento (1937-38) em que Erico, casado com Mafalda havia sete anos e com dois filhos pequenos (Clarissa nasceu em 1935, e Luis Fernando, em 1936), lutava para melhorar de vida. O escritor morava de aluguel, trabalhava em tempo integral na *Revista do Globo* e na seção Editora da Livraria do Globo, fazendo traduções nas horas vagas e dedicando-se a sua literatura apenas nos fins de semana.

Olhai os lírios do campo é fruto de um momento decisivo na história do Brasil. Foi composto nos anos que precederam a Segunda Grande Guerra, quando o país vivia sob a ditadura Vargas, num regime de expansão industrial e de pseudoliberalidade vigiada, em que se faziam concessões ao operariado, tais como a legislação trabalhista e a educação de massa, mas se reprimia ferozmente qualquer oposição, e ao mesmo tempo se negociava com pulso firme a virada de poder do campo para a cidade.

As forças burguesas brasileiras tendiam a se alinhar com os governos ditatoriais europeus — Hitler e Mussolini já haviam consolidado seus projetos —, acreditando que a ordem social devia seguir o modelo fascista e nazista para evitar o caos econômico e a

A GERAÇÃO DE 1930

Depois do impacto da revolução modernista da década de 1920 nas artes brasileiras, a nação entrou num período de forte politização cultural. Em toda parte contestava-se o liberalismo e seu *laissez-faire* econômico, que levava multidões do mundo inteiro à miséria e degradação, e deflagrara a crise financeira de 1929, reduzindo a pó economias e investimentos. Até nos Estados Unidos, pilar do capitalismo moderno, o *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt introduzia políticas sociais que resguardavam e protegiam os direitos dos trabalhadores.

Na década de 1930 houve uma espécie de redescoberta do Brasil através das artes, da literatura e do ensaio. Apareceram livros como *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que reavaliavam nossa origem e herança cultural, social, política e econômica.

No Norte surgiu uma tendência ficcional forte e abrangente, que descrevia a realidade regional do sertão e denunciava as injustiças sociais. O que antes era visto como consequência do clima ou da "inconsistência" racial e cultural do país passa a ser apontado como efeito de uma estrutura econômica atrasada, baseada no latifúndio e na exclusão. O Brasil começava a descobrir seu subdesenvolvimento. São escritores dessa tendência a cearense Rachel de Queiroz (*O quinze*), o paraibano José Lins do Rego (*Menino de engenho*, *Usina*), o alagoano Graciliano Ramos (*São Bernardo*, *Vidas secas*) e o baiano Jorge Amado (*Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *Mar morto*).

Também surge uma nova literatura urbana, como a do mineiro Cyro dos Anjos (*O amanuense Belmiro*) e a do gaúcho Erico Verissimo. A poesia se renova com a carioca Cecília Meireles (*Viagem*), o alagoano Jorge de Lima (*Poemas escolhidos*), os mineiros Murilo Mendes (*A túnica inconsútil*) e Carlos Drummond de Andrade (*Alguma poesia*, *Brejo das almas*), e o gaúcho Mario Quintana (*A rua dos cataventos*).

O público leitor se ampliava, e fundavam-se universidades, como a de São Paulo, em 1934. O Brasil redescobria-se e integrava-se através da literatura. Os autores emergentes desse período formaram a Geração de 1930.

ameaça comunista. Mas o momento estava repleto de contradições: com a política de Vargas, a mobilidade social crescera, o êxodo rural já se fazia notar, nas cidades surgiam bolsões de miséria e dificuldades de sobrevivência, mas também se abriam vagas nas fábricas e no comércio, uma classe média se estruturava, e a confiança no modelo norte-americano do liberalismo, importada no plano econômico e insinuada em manifestações culturais de grande sucesso popular, como o cinema, se contrapunha aos movimentos de caráter socialista, que tentavam organizar os trabalhadores em torno da luta pela justiça social. Em *Clarissa*, *Música ao longe* e *Caminhos cruzados*, Erico já se posicionara ao lado dos jovens que se empenham por uma sociedade mais justa, e acentuara, em especial em *Caminhos cruzados*, sua crítica, bem ao estilo da **Geração de 1930**, à divisão de classes e ao capitalismo predador.

A TRADIÇÃO DESTE ROMANCE

O enredo de *Olhai os lírios do campo* gira em torno das escolhas éticas do protagonista e das implicações destas em seu universo afetivo. O próprio Erico chegou a tachar a obra de sentimental, atraindo a suspeita de que o sucesso inusitado do livro se devia a concessões do autor à moralidade conservadora do grande público ou ao caráter de autoajuda subjacente no teor evangélico das cartas de Olívia a Eugênio. Esse, porém, seria um julgamento precipitado, pois Erico se filia a uma tradição do romance realista, a da demanda por ascensão social a qualquer preço, que encontra n' *O vermelho e o negro*, de Stendhal, bem como em *Ilusões perdidas*, de Balzac, seu veio mais radical. E o romance ecoa ainda o *Madame Bovary*, de Flaubert e o *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

A estruturação da narrativa não é simples nem linear: obriga o leitor a ir e vir, do presente ao passado das personagens, a fim de reconstituir a história

de Eugênio. Alguns recursos gráficos o orientam, tais como o uso de itálico para os trechos da viagem do médico ao hospital onde está internada Olívia. Do mesmo modo, na segunda parte, as cartas de Olívia são destacadas em itálico, em meio ao fluxo cronológico da história da redenção de Eugênio. Ao lado da narrativa, também se insere uma fábula, a do assassino que é amaldiçoado pela vítima e morre da mesma morte que infligiu a ela —

intertexto mais uma vez em itálico, que atua como símbolo da condição de Eugênio: tendo ferido com ferro o seu destino, por ele será igualmente ferido.

Além disso, o autor aproxima certas personagens a outras que viria a criar depois, como Bolívar, d'*O tempo e o vento*, todas marcadas pela hesitação na hora de tomar decisões. Pode-se mencionar também Rodrigo Terra Cambará, mais um médico degradado para quem não há salvação, e a proximidade entre alguns doentes atendidos por Eugênio e personagens da literatura universal, como Fausto ou Hamlet, sugerindo novas dimensões de leitura.

O DIAGNÓSTICO DE EUGÊNIO

A justiça, categoria moral que parece dominar o romance e serve de eixo para a constituição do caráter do protagonista, é contrabalançada com o amor cristão, encarnado por Olívia. De um lado, Eugênio busca ser o que não é, porque sua origem pobre lhe traz humilhações, na maior parte imaginárias, como Eunice lhe aponta, com certa clarividência, quando ele pede o desquite. Eugênio esforça-se por agradar, quer que o reconheçam por seus méritos, mas teme o fracasso, inveja os mais abonados e os mais cultos, torna-se servil, detesta a si mesmo e sente-se sempre inferiorizado e com isso paralisado na intenção de emancipar-se.

Eunice o perturba e irrita porque acerta no diagnóstico: diz ao marido que ele sofre de complexo de inferioridade e que não é capaz de ver além de seus próprios problemas. Olívia, por seu turno, entrega-se a Eugênio sem exigências, enfrentando a indecisão e os defeitos dele com serenidade, na certeza de que a felicidade e a paz de espírito não se conquistam através da ambição, do acúmulo de bens ou de poder sobre os outros. Resigna-se com o abandono do amado, sofre, mas com dignidade, sem dramatizar, ao contrário de Isabel, a quem o caso com Eugênio faz falta emocionalmente.

Além de caracterizar as personagens por meio das ações, Erico experimenta descer ao íntimo delas, mostrando seus conflitos de consciência através do discurso indireto livre, em que o narrador de terceira pessoa, tradicionalmente impessoal, dá voz às falas interiores. Essa forma de apresentação é centrada na figura de Eugênio, que é quem se percebe — ainda que imperfeitamente — e quem percebe o entorno. As demais personagens são apenas “percebidas” e têm pouca latitude para desenvolver sua vida interior.

Embora Olívia não tenha a interioridade devassada, ela escapa da predominância do ponto de vista de Eugênio. Revela-se mais nas ações e nas cartas que não enviou ao amado, cartas em que lhe sugere, sem conselhos (o que a poria em situação de superioridade), direções para uma vida mais plena do que a que ele escolhera desde jovem. A sabedoria evangélica de Olívia move o indeciso Eugênio e conquista o leitor, salientando a necessidade do sofrimento como meio de elevação do espírito, numa sociedade que se interessa somente pelo prazer e pelo poder, e a solidariedade como instrumento de justiça.

O CREDO HUMANISTA

Proporcionalmente, Olívia tem pouco espaço na história para expor suas ideias sobre conduta justa, já que a narração é ocupada pelas frustrações de Eugênio. Todavia, o sentido ético das ponderações dela — em que o autor expressa sua versão do cristianismo ativo, atitude que não voltaria a assumir tão abertamente nos demais romances — traça um mapa muito evidente do que os seres humanos deveriam fazer para serem de fato humanos.

A REVOLUÇÃO DE 1930

No dia 3 de outubro de 1930, soldados da Guarda Civil e civis revoltados, sob o comando de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, investiram contra o quartel-general do Exército, no centro de Porto Alegre. Era o início da já esperada revolução, que levaria Getúlio Vargas ao poder presidencial. A luta se estendeu noite adentro e só terminou na manhã seguinte, com a vitória dos rebeldes.

Em *Olhai os lírios do campo*, nessa mesma noite Eugênio e Olívia operam um paciente de úlcera duodenal perfurada. O doente está muito mal e acaba morrendo. E a relação com o velho Brasil que sucumbe em meio à revolta militar e popular é evidente. Curiosamente, a senha que correu a cidade naquele dia, dando conta da iminência da revolução, foi “o doente piorou e vai ser operado hoje”.

O país não cabia mais no sistema eleitoral fraudulento da República Velha. A insatisfação, mesmo das demais classes dirigentes com a concentração das políticas econômicas em torno dos interesses dos plantadores e exportadores de café, era patente. A crise financeira de 1929 agravou a situação. Quando os políticos paulistas romperam a política café com leite, que alternava paulistas e mineiros na Presidência, estes desertaram do apoio ao governo, tornando a queda uma questão de tempo. O presidente Washington Luís, de São Paulo, forçou a candidatura de Júlio Prestes, do mesmo estado. Prestes venceu Getúlio Vargas, o candidato da oposição, em meio a crescentes acusações de fraudes. Quase simultaneamente começou a conspiração para derrubar o governo. Vargas ficaria quinze anos no poder.

Também na noite de 3 de outubro de 1930 Eugênio e Olívia se amaram pela primeira vez.

Eugênio tratará de pôr em prática as reflexões da amada.

Erico nunca escondeu seu credo humanista, baseado na tolerância, na negociação dos conflitos, na defesa intransigente da liberdade de ação e de pensamento. Por isso, cuidadosamente não gerencia, através do narrador impessoal, simpatias que possam tornar Eugênio mais ou menos atrativo, ou Olívia ou os Cintras. Ao leitor, exposto às características de cada personagem, cabe tomar partido. E os leitores têm sido unânimes em julgar Olívia como a personagem forte da história, mesmo que apareça tão pouco.

A questão, no plano das personagens, é: como propor um projeto de vida desejável sem cair na pura evangelização. Erico opta por criar figuras modelares, com as quais o homem comum pode se identificar e que lhe apontem possibilidades de conduta. O par Eugênio-Olívia, contrastante de início, acaba fundido no final, a provar que a fábula do assassino estava errada. Os destinos podem ser mudados.

O PANORAMA SOCIAL

Esses caracteres que não precisam se definir pelo que conquistam — ideal da sociedade burguesa — e simplesmente se deixam ser, entregam-se ao outro, são o mote para que o romance desenvolva um panorama da vida social urbana brasileira, com ênfase no tema da saúde espiritual e física. Pontuado por cenas expressivas, o espaço do romance é antes de tudo social. Há poucas descrições de ambientes, o Theatro São Pedro, a praça da Matriz com o monumento ao governador Júlio de

Castilhos — momento em que, após a formatura, Eugênio presta atenção em Olívia —, mas em geral não é a paisagem que interessa ao narrador, e sim algo que acontece.

Exemplos de cenas que retratam modos de ser são a da humilhação de Eugênio na sala de aula, quando os colegas zombam dele por estar com a calça furada nos fundilhos, ou a do estudante de medicina que, fascinado com a companhia do colega rico e do jovem intelectual mais acatado nos meios culturais, finge não ver o pai a saudá-lo, quando descem, no centro de Porto Alegre, para as livrarias. Mais uma cena de caracterização social é a do encontro com Eunice na casa dos Cintras, aonde Eugênio vai atender uma criada que cortara a mão, ou outra, bem posterior, em que assiste na sala dos Cintras à discussão entre Felipe Lobo, Acélio Castanho e o pintor Altamira, com críticas à arte moderna e ao comunismo. Erico Verissimo não se preocupa com a descrição espacial senão para permitir que uma situação específica defina comportamentos e exponha as fraturas sociais.

Dessa forma, pelos flagrantes das relações das personagens, o autor representa as mentalidades da época. A apreensão que ele tem do momento histórico, da **revolução de 1930** e da ditadura Vargas testemunha as expectativas divididas que então se viviam. Quando delinea a vida cotidiana da família Fontes, a resignação do pai alfaiate, as visitas do bem-falante Florismal, a pobreza digna que Eugênio repudia, Erico mostra como as classes populares sentiam as políticas públicas: davam graças por poder exercer um ofício em meio a tantas dificuldades, mesmo com uma freguesia que pagava mal. Era melhor que nada.

Quando trata da família Cintra ou da família Lobo, Erico deixa claras as diferenças de classe, as vantagens do processo de modernização por que passava o país, que beneficiariam os novos empreendedores, e a desconsideração dos empresários para com os sindicatos. Se há alguma atenção do empresariado aos operários, ela serve mais para demonstrar um falso humanitarismo, pois a ameaça da demissão rege as possíveis revoltas dos trabalhadores. A incomunicabilidade das classes sociais é assim criticada, bem como as contradições do programa trabalhista de Getúlio. Mas é na esfera da saúde que as diferenças e injustiças do sistema social mais transparecem: nas doenças com que Eugênio e Seixas se deparam, a maioria das quais, oriundas da fome, das drogas e da prostituição, deve-se à miséria e à perda da autoestima ante os obstáculos postos pela desigualdade.

Na perspectiva do tempo representado, destacam-se dois aspectos já levantados pelos estudiosos da obra. Primeiro, a antevisão que o autor tem do fascismo e do nazismo, os quais na época da publicação do romance ainda não haviam manifestado sua virulência. Segundo, nas conversas de Eugênio e Simão, e nas reuniões na casa dos Cintras, patenteiam-se o ódio da burguesia aos judeus, a associação entre judaísmo e comunismo como algo natural ao povo eleito e o temor das comunidades judaicas pelo integralismo nascente. Erico já falava, pela voz de Simão, das perseguições, dos **pogroms** da Rússia czarista e dos campos de concentração nazistas, repudiando-os com horror.

A MEDICINA E A ATUALIDADE DO ROMANCE

O modo como a medicina é tematizada no texto suscitou grande atenção dos leitores. Tendo sido farmacêutico, Erico conhecia bem os percalços de pacientes e médicos. Além disso, quando rapaz, muitas vezes assistira ao atendimento de feridos e doentes no dispensário que o pai dele mantinha junto a sua farmácia.

Essa experiência confere ao relato dos casos que Eugênio e Seixas atendem uma alta dose de verossimilhança, à qual se soma a preocupação com o paciente manifestada pelos dois médicos, preocupação não em curar a enfermidade, mas em compreen-

OS POGROMS

O antissemitismo na Europa não foi exclusivo do regime nazista na Alemanha. Esteve presente também em outros países, como, por exemplo, a França e a Polônia. Na Rússia czarista, milicianos e cossacos frequentemente investiam contra os judeus, perpetrando massacres e depredações. Esses ataques contra uma comunidade minoritária eram chamados de *pogroms*.

As raízes históricas e religiosas do antissemitismo são muito antigas, e no século XIX e início do século XX um novo fator veio se juntar a elas. Passou-se a atribuir aos judeus uma propensão para aderir aos movimentos internacionalistas, de inspiração socialista ou comunista, por não possuírem pátria a que se sentissem ligados. O curioso é que, com os nacionalismos xenófobos comuns nessa época, se atribuiu igualmente ao povo judeu uma propensão para ser o motor de um capitalismo internacional, que, do mesmo modo, não tinha pátria e cujo único compromisso era com seu crescimento.

No Brasil também esse antissemitismo foi moeda corrente e inspirou movimentos como a Ação Integralista Brasileira, que, sob a liderança de Plínio Salgado, representava na década de 1930 uma mistura de ideais nazifascistas com um catolicismo extremamente conservador. Além disso, durante o Estado Novo houve uma política oficial de restrição à imigração judaica, embora os judeus europeus precisassem desesperadamente de países onde se refugiar.

der como ela ocorre e como pode ser evitada. Daí ao traçado de um programa de medicina socializada é um simples passo. Eugênio se encarrega de ser o porta-voz desse programa, que os leitores do romance até hoje lamentam nunca ter sido implementado.

A atualidade do romance de Erico Verissimo é, portanto, a razão do êxito permanente da obra. Os questionamentos gerados pelo texto permanecem sem resposta e escancaram problemas sociais que merecem maior atenção das autoridades e das comunidades. Ainda hoje o sistema de saúde só atende com qualidade as parcelas abonadas da população. Ainda hoje o preconceito contra o povo judeu provoca ataques a sinagogas e pichações. Ainda hoje a classe baixa é olhada de cima. E *Olhai os lírios do campo* continua a lembrar que a injustiça existe, que ela rebaixa o espírito e que há meios de combatê-la.

Leituras sugeridas

1. *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert. Conta a história de uma mulher de família pequeno-burguesa que, deixando-se levar pela imaginação despertada por leituras “perigosas” ou “românticas”, parte para uma nova vida de amante ardente mas que termina por perdê-la.
2. *Pigmalião* (1916), de George Bernard Shaw. É a história, também já clássica, do aristocrata que deseja trazer para a sua classe uma jovem pobre e “vulgar”, “sem educação nem refinamento”. Há uma adaptação cinematográfica muito conhecida: *Minha bela dama* (*My fair lady*), de 1964, com Audrey Hepburn no papel principal.
3. *O Continente*, *O Retrato* e *O arquipélago*, os três romances que compõem *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. Em especial, sugere-se a leitura d’*O Retrato*, em que os momentos iniciais da carreira de médico do jovem Rodrigo Terra Cambará definem o fio da história.
4. *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal. O romance conta a história de Julien Sorel, jovem que vai do interior da França para Paris, disposto a vencer na vida, e envolve-se com diferentes amores entre as classes burguesa e aristocrática.
5. *Ilusões perdidas* (1837), de Honoré de Balzac. Entre outras histórias, conta a de Lucien de Rubempré, jovem ambicioso que vai para Paris no século XIX em busca de fortuna e ascensão social. Em sua trajetória, ele decide sacrificar todos os valores éticos a seu impulso.
6. *A cidade e as serras* (1901), de Eça de Queirós. Publicado postumamente, o romance espelha as diferenças de horizonte entre o universo rural e o urbano, tema presente na obra de Erico Verissimo.

Sugestões de atividades

1. Após a leitura do romance, os alunos das últimas séries do ensino fundamental podem descrever seu enredo em fichas coloridas, através de frases completas correspondentes aos segmentos em que ele se apresenta. Atribuindo uma cor a cada parte (por exemplo, azul para a viagem de Eugênio; amarelo para as memórias de sua vida passada; verde para sua vida após a morte de Olívia, e rosa para as cartas desta), podem formar um mapa da trama. Com base em tal ordenação, podem discutir o significado de se misturarem os tempos narrativos.

Nesse nível de ensino, para destacar as caracterizações das personagens, os alunos podem tornar-se atores, inventando a máscara, o vestuário e os gestos de cada figura da história depois de pesquisar pinturas da época em museus ou em livros. Também podem tentar assumir as mentalidades que se entrecrocaram, preparando debates ao estilo dos realizados na televisão.

2. É importante que os alunos compreendam as razões do título do romance, bem como o fundamento das cartas de Olívia no Sermão da Montanha. A leitura do Novo Testamento, dos capítulos dos evangelhos de Mateus (5, 6 e 7) e de Lucas (6, 20-49), esclarecerá o sentido geral da história. Pode-se propor às classes que verifiquem como o texto concretiza, no plano das ações, os preceitos bíblicos.
3. Os aspectos intertextuais podem ser explorados através de filmes ou adaptações das obras que aparecem citadas, de modo que se detectem semelhanças e discrepância, o que contribui para expandir o sentido do texto. Um exercício simples seria comparar o caso do doente aproximado por Erico a Hamlet, depois de assistir a uma das versões filmicas do drama de Shakespeare, e procurar, no meio dos próprios estudantes, histórias que se assemelhem aos dois exemplos, discutindo soluções possíveis para elas.
4. No ensino médio, as formas de leitura podem tornar-se mais complexas. Dado o estágio de desenvolvimento dos adolescentes e seu interesse por problemas existenciais, podem-se pôr em pauta temas como a socialização da medicina, o antissemitismo, as diferenças de classe, os efeitos do capitalismo sobre o comportamento social, o temor do comunismo, o papel das mulheres na sociedade contemporânea e as oportunidades de autorrealização com que contam, a malícia infantil, a doutrina cristã e os descompassos de seu seguimento, a desvalia dos enfermos num meio que só valoriza a produtividade, e as relações entre sistema econômico e saúde da população.

Algumas dessas questões podem ser objeto de debates em sala de aula; de pesquisas junto à comunidade e de cotejo dos resultados com as posições assumidas no romance; de consultas a matérias em bibliotecas, editoriais da imprensa escrita e na internet, cujas respostas podem ser apresentadas em seminários e painéis, para a classe ou também para outras turmas da escola. Recursos mais próximos dos jovens, tais como um estudo do filme *Olga*, por exemplo, discutido em paralelo com os pontos de vista de Simão e Lobo sobre o judaísmo, podem dizer muito para os estudantes.

5. Motivados pela leitura de *Olhai os lírios do campo*, os alunos podem pesquisar, na mídia ou em textos literários, peças de teatro ou filmes, manifestações de tolerância ou intolerância racial na sociedade contemporânea, das manifestações que afirmam os preconceitos até aquelas que protestam contra eles. Isso pode servir de estímulo para os alunos refletirem, organizando uma exposição sobre, por exemplo, “A intolerância racial no mundo hoje” ou “A intolerância racial no Brasil hoje”, ou imaginando uma história, no momento atual, como a de Simão e Dora.